ERA MANHÃ da cerimônia de entrada: o fim das férias de verão e o início da depressão letárgica.

Acordei por causa do calor, mas teimosamente permaneci sob as cobertas. A partir de hoje, eu teria que acordar em um horário fixo todas as manhãs, me vestir e sair de casa cedo o suficiente para chegar a tempo da primeira aula. Isso seria impossível para alguém como eu, cujos músculos atrofiaram ao longo das férias. Sonolência e preguiça vazavam de cada poro, me engolindo por completo. Minhas pálpebras estavam tão pesadas que praticamente lacravam meus olhos.

Então percebi que não ouvia mais o canto das cigarras pela janela atrás de mim. O verão estava acabando, cada momento sendo arquivado como memória de um tempo que já se foi, abrindo espaço para o outono. Eu não poderia voltar ao passado, nem permanecer aqui no presente. Só me restava fluir com as estações, sempre em frente.

Ou seja, se eu continuasse dormindo, talvez acabasse chegando ao mesmo lugar de qualquer forma… *É, provavelmente… Zzzzz…*

“Acorda!”

Do nada, alguém me deu um chute na bunda. Rolei para o lado junto com o cobertor, mas o pé continuou me perseguindo.

“Toma essa! Toma essa!”

Você tá se divertindo chutando a própria filha, mãe?

Quando bati na parede, não tive escolha a não ser acordar. Ela sorriu para mim, mostrando os dentes brancos. “Bom dia.”

Olhei para minha irmãzinha, uma notória madrugadora, mas ela ainda estava dormindo profundamente na cama. “Uh… que horas são?”

Meus órgãos reclamaram enquanto meu relógio biológico falhava. Está na cara que não descansei o bastante. Mas minha mãe não respondeu; em vez disso, seus olhos se estreitaram. “Sua amiga está lá fora.”

“*Amiga*? Que amiga?” perguntei, balançando a cabeça, sonolenta. Mas, mais uma vez, nenhuma resposta veio, e ela saiu do quarto.

Se vieram até minha casa, então é a Adachi ou a Tarumi… e como é o primeiro dia de aula… provavelmente a Adachi. Mas vou rir se for a Nagafuji.

Abri as cortinas e dei uma espiada lá fora. “Aha.”

E, como esperado, vi a Adachi parada em frente à minha casa, a testa brilhando de suor sob os primeiros raios do sol da manhã. Por que ela estava curvando os ombros daquele jeito? Ficava ali, toda rígida como um robô, o rosto e o pescoço completamente vermelhos, sem se mexer. Me perguntei, distraidamente, se ela estava prendendo a respiração.

"Hmmm… Acho que ela está esperando por mim…?"

Óbvio que está. Me afastei da janela. Para ser honesta, eu até queria observá-la no Modo Robô por mais um tempo, mas se ela realmente estivesse prendendo a respiração, não queria que desmaiasse ali. Então, decidi ir buscá-la.

Saí do meu quarto sem me preocupar em me vestir ou pentear o cabelo. Pensando bem, apesar de todas as nossas ligações, fazia um bom tempo que eu não via a Adachi pessoalmente — desde o festival de verão, na verdade. Eu esperava que ela aparecesse na minha casa, mas isso nunca aconteceu. Talvez ela precisasse organizar seus sentimentos… ou talvez não.

Falando nisso, aquela noite do festival foi um inferno. Adachi virou uma casca sem alma, e eu tive que praticamente carregá-la de volta para casa, tudo isso num calor *insuportável*. Quase me fez desejar que ela tivesse esperado para confessar os sentimentos só quando chegássemos na casa dela… Egoísta, eu sei. Isso era uma das coisas que eu provavelmente precisava mudar em mim mesma.

Minha mente revisitou todos os eventos daquela noite em ordem, e, no final, meu rosto estava levemente corado. "Eeee...!"

Essa era minha primeira experiência tendo uma namorada... mas, pensando bem, isso era normal, certo? Muitas garotas passavam a vida inteira sem ter uma. Ou será que era algo mais comum do que eu imaginava? Tipo a Hino e a Nagafuji, por exemplo. Elas pareciam muito próximas, então talvez houvesse algo acontecendo ali...

Ah, quem se importa. Mais importante era decidir o que dizer quando abrisse a porta. Nosso relacionamento tinha evoluído de "amizade" para "namoro", então o que mais iria mudar? Eu deveria agir de maneira diferente? Quando ela me pediu em namoro, eu aceitei partindo do pressuposto de que a Minha-Eu-do-Futuro resolveria tudo... e agora eu *era* essa Eu-do-Futuro.

"Me ajuda, Doraemon..."

Eu tinha terminado toda a lição de casa, mas ainda restava um grande problema. O mesmo problema que eu vinha adiando.

Normalmente, garotas não tinham namoradas — quer dizer, no senso comum. Mas a Adachi era diferente... e o fato de eu ter concordado em namorar com ela provavelmente significava que eu também era...

"Eeeeeee...!"

Infelizmente, os trinta segundos que levei para chegar à porta da frente não foram nem de longe tempo suficiente para meu cérebro sonolento bolar alguma coisa. No fim das contas, resolvi só agir normalmente.

Quando abri a porta, ela ainda estava no Modo Robô. "Bom dia." Ela se encolheu de susto, os olhos tremendo em contraste com sua imobilidade quase perfeita. Como estava de uniforme, provavelmente tinha vindo me buscar para irmos juntas para a escola.

Este ano, ela não planejava se esconder no segundo andar do ginásio. Além disso, meu cabelo estava de cor diferente, e agora eu não precisaria mais ir sozinha para a escola. Todos os dias anteriores pareciam se misturar, mas trouxeram pequenas mudanças que culminaram neste momento. Por fim, eu havia chegado ao segundo semestre do meu segundo ano do ensino médio, e a única coisa que permanecia igual era o calor insuportável.

Então Adachi começou a se mover em minha direção, ainda com os ombros encolhidos. Seus movimentos estavam tão travados que parecia estar pulando igual um coelhinho.

"Hmmmm." *Ela me lembra uma bola quicando. Boing, boing, boing. Parece divertido.* Qualquer um sorriria ao vê-la, e eu não fui exceção.

Então, com um movimento rápido, ela aterrissou bem na minha frente. *Que jeito peculiar de se apresentar, hein.* Ela ainda não tinha dito uma única palavra, mas agora seu lábio inferior tremia junto com os olhos. Fiquei aliviada ao ver que era a mesma garota que eu lembrava — mas, de repente, ela abaixou a cabeça em uma reverência profunda.

"Eu... Eu tô empolgada de verdade com isso!"

Eu praticamente conseguia ouvir suas juntas rígidas estalando enquanto ela se endireitava de novo. Do que ela estava falando, exatamente? Fiquei pensando por um instante.

"Ohhhh, entendi."

Ela estava falando sobre o nosso novo relacionamento. De certo modo, hoje parecia ser oficialmente o nosso primeiro dia juntas... Só de pensar nisso, fiquei meio sem graça.

"Bom, hm, eu também tô."

Inclinei a cabeça em resposta. No fundo, acho que ela se frustrava comigo mais do que eu com ela. Além disso, eu não fazia ideia de como namorar alguém. Me lembrei do aviso que já tinha murmurado para mim mesma antes: *Não me culpe se não der certo.* Agora que penso nisso, talvez este fosse o momento certo para ter dito isso em voz alta.

"Então... por que tá aqui tão cedo?"

Ela se encolheu, claramente nervosa. “Eu... eu pensei que talvez a gente pudesse... ir pra escola juntas...”

“Oh ho.” Claramente, ela planejava me transformar em uma aluna exemplar.

“Porque eu... quer dizer, você é minha... minha... namorada agora...” Ela estava tão visivelmente nervosa, que seus dentes estavam batendo.

“Ah...” Tecnicamente, *nós duas* éramos namoradas, então como funcionava? *Ah, deixa pra lá.*

“Você não é?” ela insistiu, dando um passo à frente, e achei que ela fosse pegar minha mão. Quando ela olhou pra cima, percebi que nossos rostos estavam a centímetros de distância.

Ela tinha me feito a mesma pergunta ao telefone. Será que ela estava realmente tão insegura quanto a isso? Bem, considerando que ela praticamente desmaiou na metade da noite, talvez ela não se lembrasse direito. Talvez ela tivesse achado que tudo aquilo tinha sido um sonho. Então...

“Sim, eu sou.”

Foi um pouco embaraçoso, mas mesmo assim, segurei sua mão, entrelaçando meus dedos com os dela, com as palmas das mãos pressionadas uma contra a outra. Ela se encolheu e me olhou como um cervo olha os faróis de um carro. Lentamente, levantei nossas mãos unidas para que ela visse.

“Eu te amo, e você me ama. Certo?”

É simples assim.

Devagar, ela murchou. Ou talvez ela só tivesse saído do modo robô. Em troca, suas bochechas ficaram escarlates.

“…Certo.”

Para ela, essa foi uma resposta até que bastante confiante. Meio anticlimática, na verdade. Então ouvi passos se aproximando por trás de mim e rapidamente afastei minha mão.

“Olá!”

Por algum motivo, minha mãe resolveu cumprimentar a Adachi também. Fiz um gesto para ela se afastar, mas ela me pegou pela cara e me empurrou para longe.

“Vejo que você está aqui bem cedo. Já tomou café da manhã?”

Falar com minha mãe sempre deixava a Adachi tensa… ou talvez isso fosse culpa minha.

“Ah, não, eu nunca como café da manhã…”

“Bem, então isso é ótimo. Entre e coma alguma coisa.”

“Eh?!”

Sem esperar pela resposta dela, minha mãe a agarrou pelo braço e a arrastou para dentro. “Você também, venha cá,” ela disse, me chamando.

“Sim, mãe,” suspirei. Quando a porta se fechou, olhei para fora mais uma vez. “Você sabe que ainda temos tempo, né?”

Por que todo mundo está sempre tão apressado?

Eu as segui até a cozinha. Minha irmã ainda estava dormindo, mas a Yashiro já estava lá, comendo um prato de repolho coberto com molho de missô. “Que manhã maravilhosa!” ela exclamou quando entramos.

“Tá falando sério?” Eu diria que toda manhã é “maravilhosa” quando você entra na casa dos outros e come de graça.

“Ah, se não são a Shimamura-san e a Adachi-san.” Ela parecia uma vaca mastigando vigorosamente sua comida, mas sua voz não estava abafada de jeito nenhum. Quase parecia que ela não usava a boca para falar… Bem suspeito, se quer saber. Mas, de novo, tudo nela era suspeito, então isso não importava muito.

“Bom dia,” eu a cumprimentei enquanto me sentava na cadeira ao lado dela.

Ela me ofereceu o prato. “Você quer um pouco?”

“Não, obrigada,” recusei. Ela imediatamente voltou a mastigar o repolho.

Claro, eu sabia muito bem que ela também se serviria do nosso café da manhã. Talvez ela tivesse o metabolismo de um camundongo, então precisava comer o tempo todo. Dito isso, como diabos ela convenceu minha mãe a servir *repolho desfiado* no café da manhã? Não que eu esperasse que qualquer um de nós se importasse com as convenções sociais, mas mesmo assim. Era um mistério total.

O olhar da Adachi vagou pela mesa em busca de um lugar para sentar. “Você pode se sentar ali,” eu disse, apontando para o lugar habitual do meu pai. Como todos na minha família, ele era um madrugador, então já estava no trabalho.

Sério, eu tento ir para a cama cedo… Onde estou errando?

Com os olhos fixos nos meus, Adachi se sentou lentamente na cadeira do meu pai, quase caindo para frente como uma nerd desajeitada. Mas, na verdade, ninguém aqui parecia se importar muito.

“Parece que estamos com a casa cheia hoje de manhã!” Yashiro exclamou alegremente.

“Nem me fale. Ha ha ha!” minha mãe respondeu enquanto colocava os pratos na nossa frente. “Hoje vai ser um dia curto, então acho que não vão precisar de mais do que torradas.”

“Certo,” eu acenei com a cabeça.

“Adachi-chan, o que você prefere: manteiga ou geleia de morango?” minha mãe chamou da geladeira, segurando os dois condimentos.

Adachi olhou de um para o outro. “Ah, não, eu... quer dizer, a geleia.”

Ela claramente ia recusar os dois, mas então decidiu que seria rude e mudou de ideia. *Confie em mim, não precisa se preocupar com isso.*

Minha mãe pegou uma fatia de pão da embalagem e colocou no prato da Adachi, depois deixou o pote de geleia sobre a mesa ao lado. “Aí está.”

“O-Obrigada, senhora,” Adachi respondeu, evitando fazer contato visual. Estava claro que ela não tinha muita experiência interagindo com a mãe de *alguém*, muito menos com a minha. Eu podia ver suas pernas tremendo de nervosismo sob a mesa; com rigidez, ela passou uma camada fina de geleia no pão. *Ah, sério mesmo?*

“Você pode colocar o quanto quiser, sabia? Como aquela ali,” minha mãe disse, apontando para a Yashiro, que estava despejando molho de missô sobre o repolho.

“Condimentos fazem a comida ficar mais gostosa,” Yashiro anunciou de forma bem prática, e começou a mastigar novamente como uma vaca. *Enfim, esquece ela.*

Adachi pegou a torrada e deu uma mordida pequena, os olhos dela se movendo nervosamente de um lado para o outro. Por que ela estava tomando café da manhã com a gente, afinal? Era tão surreal — eu estava perplexa. Mas, claro, minha mãe nem ligava. Ela deixou uma fatia de pão no meu prato também, quase como se fosse um pensamento qualquer. “Aqui, come logo.”

“Não vai perguntar se eu quero geleia ou manteiga?”

“Não é como se você ligasse.”

Isso não é verdade, sua idiota!

Fiquei em dúvida por um momento, então resolvi pegar a manteiga. Enquanto isso, minha mãe se sentava à mesa e observava a Adachi comer. “Hmmm...”

Sem surpresa, Adachi começou a engasgar com a comida, como se tivesse esquecido como engolir. Então me dei conta de que nunca a tinha visto realmente *aproveitar* nada que comesse. Ela nunca teve muito apetite. Talvez fosse por isso que ela não parecia realmente *viva*, exceto no sentido literal. *Como eu poderia fazer ela comer sorrindo...?*

Enquanto isso, minha mãe ainda estava agindo como uma total esquisita, se agachando perto da mesa para tentar olhar o rosto da Adachi de baixo. “Hmmmmmm…”

“Nnngh…”

“Mãe, você está nos incomodando agora,” eu retruquei.

“Hah!”

Ela me ignorou com uma risada. *Sério, quem faz isso?* Eu estava ao mesmo tempo irritada e impressionada.

“Então você veio buscar a velha Bela Adormecida?”

“O que você acabou de me chamar…?”

“Uh, sim, senhora…”

Oi?! Não me ignore!

"Bem, você chegou mesmo cedo. Estava tão animada para vê-la?"

"Ah... Desculpa, Shimamura. Eu te acordei?" Os olhos dela passaram do meu cabelo bagunçado para o meu pijama, e ela fez uma expressão culpada.

"Ah, não se preocupe com ela. Se deixássemos, ela dormiria o dia inteiro."

"Ela estava perguntando pra mim, não pra você!"

Nesse ponto, eu estava muito cansada para discutir. Não que minha mãe fosse ouvir... Mas então ela sorriu para mim. "Você fez uma boa amiga, finalmente."

"É, eu acho." *Só que, na verdade, ela é minha namorada.*

Se eu realmente falasse isso em voz alta, será que minha mãe teria um infarto? Ou ela ia achar tranquilo? Revirei os olhos. *Ah, quem estou querendo enganar? Nem a pau.*

Então percebi que Yashiro estava olhando fixamente para as minhas mãos, com um pedaço de repolho pendurado nos lábios. Um segundo depois, percebi que ela estava realmente olhando para a minha torrada. Não precisava ser um gênio para saber o que ela queria.

"Aqui."

Arranquei um pedaço do pão com manteiga e ofereci a ela. E, como esperado, ela se inclinou e mastigou. *Será que eu estou ficando maluca, ou ela esticou o pescoço mais do que seria humanamente possível? Eh, deve ter sido coisa da minha cabeça.* Depois que ela devorou o pão, me ofereceu seus legumes. "Em troca, pode pegar um pouco do meu repolho."

"Passo."

Ela me ignorou e despejou o repolho com missô diretamente no resto do meu pão. Agora era... eh... torrada com manteiga e repolho de missô. Ou um sanduíche de costeleta de missô, só que sem a costeleta. Eu não estava curtindo aquilo, mas resolvi provar mesmo assim.

"Hmmm... Não é tão estranho, acho." Mas também não tenho dez anos, então não seria o tipo de coisa que eu escolheria comer de propósito. "Hã?"

Foi quando percebi que Adachi estava me encarando de trás da sua torrada, com uma expressão nada agradável, e eu já tinha uma ideia do motivo.

"Que tal trocarmos uma mordida?"

"Claro."

Eu podia praticamente ver a lâmpada acendendo sobre a cabeça dela. Evidentemente, eu tinha adivinhado certo. Cada uma arrancou um pedaço, então colocou no prato da outra.

Nhac nhac. "Hm." Quase não dava para sentir o gosto da geleia.

Depois que terminamos de comer, ainda havia algum tempo antes de precisarmos sair. Mas minha irmã mais nova estava dormindo no nosso quarto,

então deixei Yashiro comendo o resto do repolho e levei Adachi para o andar de cima.

"Desculpe, mas vai estar quente aqui em cima."

Ela assentiu, entendendo, suas orelhas tão coradas quanto a fina camada de geleia de morango. Mas ela parecia nervosa por algum motivo, e eu estava levemente preocupada de que ela fosse voltar ao modo robô. Se ao menos suas habilidades sociais fossem tão desenvolvidas quanto suas habilidades motoras grosseiras...

Entramos no quarto, e Adachi imediatamente se ajoelhou no chão, seu dedo indicador desenhando nervosamente no joelho. Agora ela parecia uma criança que havia sido pega no flagra. *Ah, o que eu vou fazer com você?* Para combater o calor, puxei o ventilador elétrico e o liguei.

De repente, ela se curvou com toda a formalidade do mundo. "Eu... tô empolgada de verdade com isso!"

Quase me curvei de volta, mas me contive. "Já fizemos essa parte mais cedo."

"Bem, precisamos fazer de novo!"

Ela parecia tão insistente que acabei entrando na dela. "Uhh... ok...?" *Acho que essas formalidades são importantes, ou algo assim.*

"É só que... hum... realmente significa muito, e..."

Ela tropeçou nas palavras enquanto a brisa do ventilador bagunçava seu cabelo. Eu só podia imaginar o quanto ela estava lutando para se expressar para mim. "Sério?" Eu perguntei, incentivando-a a continuar.

Tremendo, ela abaixou a cabeça como um cachorrinho triste. Se eu tivesse que adivinhar, nenhum planejamento cuidadoso ajudaria ela a falar de maneira coerente. Ela carecia de experiência em todas as áreas, e talvez já fosse tarde demais para preencher essa lacuna. Mas as palavras que *passavam* pelo rigoroso processo de triagem sempre tocavam meu coração. A perfeição não era, de forma alguma, necessária.

"Eu... vou fazer o meu melhor!"

No fim, ela pulou toda a enrolação e soltou uma declaração que era… totalmente a cara da Adachi. Isso me fez sorrir. De alguma forma, eu sabia mais ou menos exatamente o que ela estava tentando dizer. Esse era um relacionamento importante para nós duas.

Então, eu me ajoelhei, pressionei minhas palmas contra o chão e fiz uma reverência humilde.

"Eu também estou empolgada pra isso."

Soou esquisito, mas também de uma forma estranhamente gratificante. Talvez fosse divertido me deixar levar por essa ilusão toda.

***

Logo chegou a hora de ir para a escola.

"Você vai matar aula de novo?" perguntou minha irmã.

"Ficarei no aguardo do meu souvenir em forma de rosquinha!" exclamou Yashiro.

"Não para as duas," respondi.

Adachi já tinha saído correndo de casa; saí lá fora e a encontrei esperando pacientemente com a bicicleta, que ela arrastou de lado até mim.

"Posso colocar minha mochila na cesta?"

"Ah, claro." Ela rapidamente tirou a dela. *Podemos dividir, sabe*, pensei com um sorriso irônico enquanto colocava as duas mochilas na cesta.

Sem nada para carregar, comecei a andar. Dois passos depois, no entanto, percebi que Adachi não tinha começado a pedalar. Confusa, olhei para trás.

Ela balançou o pneu traseiro. "Você quer...?"

"Andar na garupa?"

"Ah, é... V-vou pedalar com tudo! Ha ha..." Ela tentou fazer uma piada, mas errou o timing e não teve graça. Ainda assim, não me importei muito.

E assim, deixei de lado qualquer pretensão de ser uma aluna exemplar e subi na garupa da bicicleta. Com os pés no eixo traseiro e as mãos nos ombros dela, parecia que eu tinha voltado no tempo... só que, naquela época, os ombros dela não eram tão rígidos.

"Tem certeza de que não tá fora de forma depois dessas férias longas?"

"Ah, bem... Não, tá tudo bem! Você não é tão pesada! Heh... heh heh..."

Dava pra ver que ela estava tentando ser gentil, e eu até teria dado nota máxima se ela não tivesse tropeçado logo no começo.

“Hee hee hee...”

“Heh heh heh...”

E assim partimos, com o vento e o sol em nossos rostos. Hoje marcava o início do segundo semestre, e nós duas estávamos começando juntas. A bicicleta deslizava pela rua, carregando o dobro do peso habitual. Contanto que mantivéssemos o equilíbrio, seria uma viagem tranquila até a escola.

Eu poderia me acostumar com isso. Talvez ela pudesse me buscar todos os dias... Mas, por outro lado, eu não podia transformar Adachi na minha motorista particular o tempo todo. Afinal, ela era minha namorada. Não parecia certo, sabe?

"Hmmmm..."

Até agora, nada entre nós parecia muito diferente. Com certeza, *algo* deveria mudar agora que estávamos namorando, certo? Enquanto Adachi conduzia a bicicleta, me peguei divagando sobre isso. Era uma questão complicada, e não era fácil estar sempre ciente dessas coisas. Para ser sincera, poucas das minhas relações eram realmente profundas... então como eu deveria tratar minha namorada?

Fiquei refletindo sobre isso até chegarmos à escola. Como resultado, esqueci de descer antes de passarmos pelos portões, mas, por sorte, chegamos ao estacionamento das bicicletas sem que nenhum professor nos repreendesse. Então diminuímos a velocidade e paramos, e eu desci. Mas, assim que me endireitei, uma ideia me ocorreu.

“Shimamura?”

Desprendi os dedos esguios da Adachi do guidão e olhei para eles. “Sakura”, chamei, apenas para testar.

Seus olhos se arregalaram, e ela congelou. Então, recuou tão bruscamente que parecia ter levado um golpe. Seus ombros tremiam, e pude ouvi-la engasgar enquanto escondia o rosto nos braços — será que estava tossindo? Reprimindo a vontade de fazer cócegas em suas axilas desprotegidas, esperei que se recuperasse.

Ainda bem que nenhum outro aluno veio estacionar a bicicleta. Para um observador externo, eu definitivamente teria acabado de socá-la no rosto.

“Uh... você tá bem, meu amor?”

Ela tossia como se sua água mineral favorita tivesse descido pelo caminho errado, e eu comecei a me sentir culpada. Talvez eu não devesse ter jogado isso em cima dela do nada... Mas, por outro lado, se eu perguntasse antes, não teria o mesmo impacto emocional. O que era mais importante: o romance ou o bem-estar da minha namorada?

Hmm. Isso é complicado.

Enquanto isso, ela finalmente se recompôs. Seus olhos estavam marejados — de dor, imagino — e aquele olhar úmido e inocente me deixou igualmente desconcertada.

“Foi mal, de verdade.”

"Não, não, está tudo bem," ela fungou. *Garota, se você está pingando ranho por aí, então claramente não está tudo bem.*

Ela estendeu a mão e passou o dedo timidamente sobre a minha palma, quase como se estivesse treinando o alfabeto. Fazia cócegas. Então, ela olhou para mim e disse...

"H-Hougetsu."

"Sou eu," respondi com um sorriso brilhante. Ela encolheu os ombros e corou. Como uma tartaruguinha Adachi tímida.

"Não é um nome que sai fácil da boca."

"Nem me fale."

Ninguém chamava a própria filha de Hougetsu hoje em dia. Eu nem queria imaginar como seria se ela começasse a me chamar assim o tempo todo.

"Desculpa, Shimamura, mas acho mesmo que Shimamura combina melhor."

"É, talvez sim." Afinal, era o que eu estava acostumada a ouvir. E, da mesma forma, para mim, ela era simplesmente *Adachi*.

Obviamente, não podíamos ficar paradas ali para sempre, então comecei a andar, mas nossas mãos ainda estavam entrelaçadas. Confusa, olhei para ela — mas ela apenas piscou de volta para mim. Talvez nem tivesse percebido que entrelaçou os dedos nos meus.

Por algum motivo, ela sempre ficava tão inquieta sempre que eu olhava para ela... Será que eu era realmente tão intimidadora? *Não, não era isso.* Conhecendo ela, provavelmente era *toda a ideia de namoro* que a deixava nervosa.

“H-Hou-chan?” Adachi soltou, rígida, testando um novo apelido.

“Uau. Ninguém nunca me chamou assim.”

“Então que tal... Shima-chan, ou algo assim?”

“Urk...!”

Pelo menos, dava para ver que ela estava tentando ser cuidadosa com o meu nível de conforto, e eu silenciosamente aplaudia seus esforços.

Chegamos cedo à escola, então os corredores estavam vazios. Como resultado, seguimos de mãos dadas até a porta da sala de aula. Mas, como era de se esperar, não dava para simplesmente entrar de mãos dadas, então foi nesse ponto que soltei.

Claro, ao invés de ceder às normas culturais, eu *até* poderia tomar uma postura desafiadora contra a sociedade. Mas não tinha certeza se conseguiríamos sobreviver com o mundo inteiro contra nós. Bom, na verdade, provavelmente sim, mas... *Hmm. Não parecia certo. Ah, tanto faz.*

Adachi me olhou com um sorriso cheio de anseio e então fez um pedido em troca: “Você pode dizer de novo?”

“Dizer o quê?”

“Meu nome...”

Ela encarava o chão, se esquecendo até de piscar. Sem nem precisar tocá-la, eu podia sentir que seu coração estava disparado. Para falar a verdade, eu sentia uma pontinha de inveja. Eu queria que parecesse real para mim também, mas ainda não parecia.

“Sakura,” chamei, exatamente como ela pediu.

Como se fosse ensaiado, suas bochechas coraram em um tom perfeito de rosa-cerejeira. Mas parecia que ela estava começando a se acostumar, porque dessa vez, não se atrapalhou.

***

Depois de tudo o que aconteceu naquela manhã, além da leve privação de sono, acabei adormecendo durante a cerimônia de entrada.

"Blegh..."

No instante seguinte, o dia já tinha acabado. Coloquei minha mochila e comecei a pensar em voltar para casa para tirar um cochilo. Pensando bem, o Gon também vivia tirando sonecas... *Talvez eu já seja uma vovó um pouco velha*, pensei comigo mesma, dando uma risadinha.

Falando em avós, a minha sempre me enviava mensagens de vez em quando, geralmente com fotos do Gon anexadas. Às vezes eram normais, outras eram estranhas; de qualquer forma, sempre que eu abria uma desses mensagens, sentia uma reviravolta de emoções no meu coração. Nem todas eram positivas, mas dava para perceber que eram fortes. Essa mudança me assustava — um calafrio percorreu minha espinha, e eu senti uma sensação incompreensível no estômago, como uma leve náusea.

"Blegh."

Hora de ir para casa.

Nesse momento, percebi uma sombra pairando sobre minha mesa. Olhei para cima e vi Adachi parada ao meu lado. Ela puxou suavemente a manga da minha camisa, parecendo com minha irmã mais nova quando estávamos em público.

“P-po... podemos sair da escola juntas?”

“Claro, não me importo.” *Embora isso só dure até chegarmos nos portões da frente.*

“Q-quero dizer... Eu vou te levar para casa.”

“Ah...?”

“Porque você é m-minha namo—”

“Certo! Ok, então! Vamos lá!” Coloquei minhas mãos nos ombros dela e a puxei para fora da sala antes que ela fizesse uma declaração acidental bem ali no meio da classe. *Eu juro, ela é um caso perdido.*

“Ué, ué, ué!” Adachi parecia um pouco desconcertada, mas claramente estava gostando da nossa dancinha improvisada a dois. Ela estava sorrindo, embora de forma rígida.

Nossa, por que ela é tão ruim em sorrir? Acho que ela não tem muito prática... Talvez eu devesse tentar fazer ela sorrir...? Observei as mangas largas do

uniforme de verão dela e pensei brevemente em fazer cócegas em suas axilas, mas decidi que isso não valeria. *Nossa, os braços dela são tão pálidos. Parece que ela pulou o verão inteiro.*

Fora do prédio da escola, vi uma garota pequena e outra cheia de curvas andando um pouco à frente. Elas nos ouviram saindo e se viraram para olhar.

“Oi, Shima-chee e Ada-chee!”

“Chee!”

Será que seria difícil pra você tentar se esforçar pelo menos um pouco, Nagafuji?

“Chee,” respondi, testando. Curiosamente, ficou até perfeito — o equilíbrio certo de simpatia sem muito esforço. Foi uma piadinha interna divertida.

Nagafuji não tinha mudado desde a última vez que a vi, mas Hino estava super bronzeada, igual à minha irmã. Aparentemente, o sol do Havai é tão eficaz quanto o nosso.

“Vejo que você não tem muito bronzeado. O que fez nas férias de verão?”

“Ah, o de sempre. Lições de casa.”

“Hah! Boa.”

Uau, Hino nem acreditou em mim.

Se eu olhasse nos olhos delas e dissesse que arrumei uma namorada, Hino com certeza surtaria. E a Nagafuji? Ela provavelmente começaria a aplaudir. Sério, será que tem *algo* que poderia surpreendê-la? Ela estava sempre tão tranquila.

“Ah, isso me lembra, Shimamura-cheechee.”

“Para com esse ‘chee,’ Hino. O que foi?”

“Sua mãe passou na loja da Nagafuji ontem.”

“Sim, eu sei.” *Porque ela serviu croquetes no jantar.* “Mas como *você* sabe disso?” *Não é como se fosse sua casa.*

Nesse momento, Nagafuji deu uma risadinha satisfeita e ajeitou os óculos. “Você ficou com batata presa nos dentes?”

“…O que exatamente você espera que eu responda…?”

Esquisita. Sorri sem querer. Então percebi que Adachi não tinha dito nada, por isso olhei para ela, e nossos olhares se encontraram. Sem surpresa — *sem surpresa?!* — ela não estava sorrindo nem um pouco. Tentei acenar a mão na frente do rosto dela. Ela me agarrou pelo pulso e começou a me puxar.

“Ei, ei, ei!”

Hino e Nagafuji ficaram nos observando, surpresas, mas pareciam entender. “Até mais!”

Ah, uma referência vintage da cultura pop. Acenei para me despedir, e seguimos em direções opostas.

Adachi me arrastou até a área de estacionamento de bicicletas sem olhar para trás. Quando olhei timidamente para ela, tentando entender se ela estava chateada, vi que seu olhar estava indo de um lado para o outro de maneira desajeitada. Parecia que ela reconhecia que estava agindo de forma errada, mas já tinha se comprometido a fazer isso mesmo assim; olhei ao redor para as bicicletas, depois para o céu. *Acho que sei o que está acontecendo aqui.*

“Uhhh... Você está com ciúmes?” *Porque eu estava conversando com outras meninas?*

Ela balançou a cabeça vigorosamente.

“Ada-chee?”

“Não estou-chee!”

O olhar no seu rosto diz que está sim-chee. Soltei uma risadinha de leve exasperação, mas então ela se virou de repente para me encarar, com as mãos cerradas em punhos. *Uau*. Eu recuei um pouco.

“Eu não estou com ciúmes... mas...” Um tom de rosa cruzou suas bochechas enquanto ela fazia biquinho, como uma criança birrenta. “Você não pode... me trair.”

“O quê? *Aquilo*? Aquilo conta como trair?”

Ela acenou levemente com a cabeça. “Porque você é... m-minha namorada...”

“Isso é verdade.” E Adachi era *minha* namorada. *Tão complicado*. “Ok, então, me parece que você tá exigindo demais...”

“Não estou!” Ela gritou tão firmemente que fez a tinta descascada do suporte de bicicletas balançar. Eu senti meu sorriso se endurecer. Então Adachi

percebeu que havia mostrado os dentes para mim e foi se encolhendo lentamente. “Eu... eu discordo respeitosamente.”

Agora ela estava de volta à sua versão habitual de “esquilo medroso”. De novo, os ombros dela estavam tão encolhidos que parecia que eu a tinha socado na cara. Mas não havia como desfazer o que aconteceu, e eu senti as pessoas começando a olhar. Isso, no entanto, era algo que eu estava disposta a ignorar por enquanto.

“Ok, então...” Fiquei sem saber o que dizer. Então estiquei a mão e apertei as bochechas dela.

“Whpphh?!”

Ela me olhou alarmada, mas eu continuei apertando. Sua pele estava fresca no começo, mas com o tempo, começou a esquentar. Então, estiquei as bochechas dela o máximo que consegui.

“Hhhmmrra?!”

Se eu tivesse que adivinhar, ela provavelmente estava chamando meu nome. Talvez.

“Hmmmm…”

Fingi pensar por um bom tempo enquanto apertava e esticava. Esse era o meu jeito de acabar com a tensão. E já que eu estava me esforçando para animá-la, talvez estivesse agindo como um namorado de verdade... *Espera, por que eu deveria ser um "namorado"?*

Isso não resolveu o problema real, mas atingiu meu objetivo de curto prazo. Era o melhor que eu podia fazer por hoje. Espero que o “Eu-do-Futuro” possa assumir a partir daqui.

***

E assim, o segundo semestre oficialmente começou. Isso marcou o fim da temporada de hibernação humana (ou seja, minha fuga do despertador diário), e os fogos de artifício já haviam se apagado. De agora em diante, toda segunda-feira, eu começaria uma longa jornada até o próximo final de semana.

Naquela sagrada tarde de sábado, eu estava comendo um sanduíche e assistindo TV quando transmitiram uma entrevista sobre uma garota da minha idade. Eu não estava prestando tanta atenção, então perdi alguns detalhes, mas aparentemente ela se saiu muito bem na sua atividade extracurricular. Ela explicou com entusiasmo à câmera que via seu tempo no ensino médio como uma oportunidade para se melhorar, e estava empolgada ao ver o esforço dela valendo a pena.

“Eu acho que nem todos os adolescentes são tão preguiçosos quanto você,” minha mãe comentou enquanto passava carregando a roupa.

Sim, mãe, eu sei que sou preguiçosa. Hmph.

“Maaaaas não tem pobreminha, porque a mamãezinha amaaa muuuito sua Hougetsuzinha preguiçooooosa!”

“Mãe, você está enterrando o queixo no meu couro cabeludo. Tá doendo.”

E assim, roubando uma mordida rápida do meu sanduíche, ela foi embora. Aparentemente, esse era o alvo principal dela desde o começo. Dei mais uma mordida e voltei a assistir TV, mas a entrevista já tinha acabado.

“Uma oportunidade de melhorar, né...?”

Com certeza soava empoderador... mas eu já estava nos meus limites, só arrastando meu corpo esgotado de um dia para o outro. Como tinha gastado meu tempo até agora, e no que eu investiria ele daqui para frente? Era a Adachi quem tinha a resposta para isso, não eu.

“Minha querida namorada ciumenta... Ha ha ha...”

Não era bem algo para achar graça. Especialmente se as coisas piorassem. *Ha ha.*

Adachi me amava e tal, mas o que ela queria não era nada de beijos e abraços. Eu tinha a impressão de que ela só queria se sentir especial. Provavelmente porque ninguém mais em sua vida a tratava dessa maneira. Isso eu entendi... e ainda assim... se ela continuasse tentando me prender tanto, eu ia virar um presunto. E ela ia me devorar.

“Eeek... Que medo...” *Nhac nhac.*

“Oh, olá, Shimamura-san!”

Então Yashiro entrou na sala troteando. Essa garotinha despreocupada não tinha nada a prendendo — sem preocupações, sem gravidade e sem segundas intenções. Ultimamente, estava começando a invejá-la.

“Ooh! Vejo que está comendo algo maravilhoso.” Os olhos dela foram direto para minha comida. “E foi nesse dia que aprendi sobre sanduíches de salada de ovo...”

Por algum motivo, ela estava narrando em voz alta, enquanto ficava ao meu lado com um sorriso esperançoso. Mas o que eu achei engraçado — ou, melhor, interessante — foi o fato de que, se eu optasse por não compartilhar meu sanduíche, ela não ficaria brava comigo. Da última vez que a recusei por algum motivo, tudo o que ela disse foi “Que grande pena!” e depois saiu pulando por aí. E ela também não guardou rancor depois.

Talvez isso fosse de se esperar, considerando que ela era apenas uma parasita na nossa casa, mas, para mim, era uma façanha impressionante levar a decepção de peito aberto e seguir em frente sem se queixar. Crianças descontavam sua raiva de forma explosiva, adultos aprendiam mecanismos saudáveis de enfrentamento, e nós, os que ficamos no meio, simplesmente

engolíamos tudo. Mas Yashiro não se encaixava em nenhum desses padrões. Ela permanecia impassível, como uma geleira da Idade do Gelo.

“Aqui.” Ofereci a ela o resto do meu sanduíche.

“Uhuu!” Ela se lançou e começou a mastigar. Será que Adachi consideraria isso traição também? Eu basicamente estava alimentando um cachorro de rua... *Ah, então é por isso que nunca conseguimos nos livrar dela*. Cometi um erro por descuido e agora era tarde demais.

“Você realmente saboreia sua comida, não?”

“Af crrsh ah ddh.”

“Calma aí, não vai morder meus dedos.”

Ela parecia perfeita demais para ser real, tanto por dentro quanto por fora. De onde surgiu essa criaturinha tão inocente?

“Ei, você já sentiu ciúmes?”

“Churros? Pessoalmente, prefiro geleia.”

“Ha ha ha…” *Claro.*

No final, ela comeu cada pedaço do meu sanduíche.

“Hmmm… Acho que vou tentar.”

“Hã?”

Enquanto ela saboreava o gosto restante, a deixei para trás e fui buscar meu celular. No quarto, encontrei minha irmã trabalhando diligentemente na lição de casa.

“Você está sendo tão responsável! Estou orgulhosa de você.”

“É, bem, nem todos somos como *você*, Nee-chan.”

“Ah, é mesmo?”

“Gyaaah!”

Depois de atormentar as bochechas fofas da minha irmãzinha, disquei o número da Ada-chee. O telefone mal tocou uma vez antes de ela atender, o que foi impressionante. *Se ela fosse uma competidora de um programa de TV, provavelmente seria ótima em apertar o botão.*

“Alô?!”

“Não precisa correr até o telefone,” eu a repreendi. Pela voz ofegante, dava para perceber que ela provavelmente tinha dado um pulo até o aparelho. Ela era tão *óbvia*.

“Bem, é que… Não é todo dia que você *me* liga, então…”

Francamente, a capacidade dela de se adaptar a situações inesperadas não era nada de se desprezar. “É realmente tão incomum assim?”

“Uh, sim?” A voz dela soou levemente emburrada, e eu logo percebi que esse não era um assunto que eu deveria continuar tocando.

“Bem, Adachi-san…”

“Sim?!”

Eu pude ouvir a antecipação na voz dela, como se estivesse esperando que eu a convidasse para sair. Eu não era contra a ideia, claro, mas aquilo não era nada novo para nós, e eu sentia que era hora de começarmos a dar os primeiros passos em território desconhecido.

“Você gostaria que fizéssemos o almoço uma da outra?”

“Hã?”

“Eu estava pensando em fazer um almoço pra você, e você fazer um pra mim.”

Viu? Coisas de namorada, não é? Honestamente, eu até pensei em surpreendê-la com isso, mas a Adachi não lida bem com surpresas. Se ela começasse a gaguejar na sala de aula, chamaríamos atenção desnecessária. Além disso, não seria justo se eu fosse a única a fazer algo. *Afinal, nós duas somos namoradas.*

“Você... vai cozinhar pra mim...?” Ela perguntou com uma voz suave. “Isso parece ótimo... Sim, realmente ótimo.”

Parece que ela gostou mais dessa ideia do que eu esperava. Eu achei que fosse algo um pouco simples, mas aparentemente não.

“Então... você vai fazer algo pra mim?” Ela pressionou.

“Vou. Mas não se esqueça, *você* também tem que fazer algo, mocinha!”

“É... é...” Com uma resposta dessas, era difícil dizer se ela estava realmente ouvindo. “Mas... você sabe cozinhar, Shimamura?”

“Ha ha ha!” *Certo, vamos fazer do seu jeito então.* “E *você*?”

Eu sabia que ela trabalhava em um restaurante chinês, mas, até onde eu sabia, ela era apenas uma garçonete.

“Bem, eu... já fiz chocolate antes...”

“Uau.” Pessoalmente, eu não podia dizer o mesmo, e parecia bem impressionante. Pensando bem, não foi ela quem me enviou fotos de chocolates em um mês de fevereiro? Será que era disso que ela estava falando?

“Eu... tenho certeza de que vai dar certo. Para nós duas. Mesmo que a sua comida não saia perfeita, eu ainda vou comer, Shimamura.”

“Muito reconfortante, obrigada.”

Na verdade, eu não estava planejando me esforçar muito, então não estava preocupada com nada catastrófico acontecendo. Com isso, consegui fazer planos com ela e terminei a ligação.

“Agora então...” Eu caminhei pelo corredor, pensando nas coisas que eu poderia realmente fazer, e dei uma olhada na sala de estar. “Ah, ali está.”

“Com licença?”

Eu dei uma olhada rápida na Yashiro estirada no chão e imediatamente pensei em sanduíches. *Perfeito*. Em vez de voar muito perto do sol e me queimar, era melhor me manter em algo simples que eu realmente pudesse fazer. Se tivesse que adivinhar, o que mais importava para a Adachi era que eu fizesse algo para ela com as minhas próprias mãos.

“Você está disponível, Shimamura-san?” Yashiro deslizou até os meus pés como uma cobra, seus olhos brilhando de esperança enquanto me encarava deitada no chão.

“Vai brincar com a minha irmã.”

“A Pequena está ocupada com a lição de casa.”

“Ah, é mesmo… Ok, então, que tal ler um mangá?”

Eu estava livre antes, mas agora estava ocupada. Ocupada com a Adachi. E, para o bem ou para o mal, isso só ia acontecer mais vezes daqui para frente.

“Você tem razão. Não custa nada dar uma reforçada nas minhas habilidades linguísticas,” ela concordou. *Não era essa a razão pela qual eu sugeri, mas tudo bem.*

Tínhamos tanto mangá nessa casa que tudo o que não cabia na estante estava empilhado em uma caixa de papelão. Quando entreguei alguns volumes para ela, Yashiro os levantou sobre a cabeça e saiu correndo para procurar minha irmã no quarto. Elas eram tão boas amigas.

Será que foi a personalidade despreocupada da Yashiro que ajudou minha irmã tímida a se abrir? Uma parte de mim queria seguir o exemplo dela, mas ao mesmo tempo, parecia tarde demais. Eu já não era mais criança; já havia me tornado uma adolescente defeituosa. E a cada ano que passava, ficava cada vez mais difícil seguir o meu coração quando havia tantas regras, obrigações e expectativas a seguir.

“Afinal, é importante revisar o que nos foi ensinado…”

Quando crescemos, nos ensinaram a importância de *entender os outros e fazer pelos outros*. E agora, eu queria testar isso por mim mesma.

***

O propósito de ter dias de folga era dar ao corpo uma chance de descansar. As pessoas conseguiam isso de várias maneiras; algumas descansavam fisicamente, enquanto outras corriam por aí livremente, dando um descanso à mente. Então, enquanto outras pessoas me viam como uma preguiçosa, na verdade, eu era apenas uma grande defensora do "autocuidado" ou o que quer que fosse. Por isso, ignorei o sol que estava nascendo e me afundei de volta no sono. Queria me perder na passagem do tempo.

“Levanta!”

“Guh!”

Assim, o cobertor foi arrancado — ou puxado? — me separando do abraço do sono. Eu entenderia se fosse um dia de semana, mas *por que*, ao menos, não poderia dormir até mais tarde no final de semana? Pisquei para minha mãe, ainda confusa com o sono. Ela apontou para a porta aberta atrás de mim com o polegar.

“Ugh…” Estiquei o pescoço para olhar o corredor. Não havia nada lá, exceto a luz do sol brilhando.

“Você tem uma visita.”

“Uma visita…?”

Saí da escuridão proporcionada pelas minhas cortinas blackout e cambaleei até o corredor, ainda de pijama. A luz do sol entrou nos meus olhos até eu não conseguir ver nada. No entanto, à medida que me aproximava da porta da frente, minha mente se aguçou o suficiente para perceber quem essa "visita" provavelmente seria.

Claro o suficiente, quando abri a porta, Adachi estava lá, carregando uma enorme sacola de coisas. Em um domingo.

“…Ué. Espera um minuto.”

Isso foi um ataque surpresa, e eu *não* estava preparada. Eu até podia imaginar o motivo de ela estar ali, mas... por que a sacola dela estava tão grande?

“Quando eu disse ‘fazer o almoço uma da outra,’ eu queria dizer... na escola... na segunda-feira ou algo assim.” Será que ela achou que eu quis dizer que iríamos fazer um piquenique? *Hmmm.*

A propósito, a camiseta dela dizia LOVE BITES.

E não é que é verdade? O amor realmente machuca. Assim como o seu timing também.

“Eu nem fiz nada pra você ainda.”

“Ah, não, não! Isso é, tipo... prática!”

“Prática?”

“E pesquisa. Quero saber o que você acha dessas coisas.”

As alças cortando seus ombros me disseram tudo o que eu precisava saber. “Clássica Adachi...” Cautelosa, mas proativa.

A tampa da garrafinha da Adachi brilhou de maneira opaca ao sol, enquanto aparecia de dentro da bolsa abarrotada. O que diabos ela fez para mim? Eu já tinha tomado café da manhã, mas ainda estava curiosa.

“Bem, pelo menos assim vamos poder comer em paz, eu acho.” Ela provavelmente se sentiria mais confortável no privado mesmo. Conti a bocejar. “Entra aí.”

Namorar a Adachi naturalmente significava mais atividades sociais. Isso se aplicava tanto aos finais de semana quanto aos dias de semana, corroendo constantemente o meu tempo de sono… e, como alguém que só se sentia em paz

quando estava dormindo, eu não aprovava muito isso. Mas ao olhar nos olhos animados da Adachi, acabei me deixando levar. *Ah, por que não?*

“Bem-vinda,” minha mãe saudou, enquanto varria o corredor. Ela olhou para a sacola gigante da Adachi e levantou a sobrancelha. “Você veio para outro banho?”

“O quê...?! Não, eu...”

“Ela trouxe o almoço e me convidou para comer.”

“*Aqui*? Por quê?”

Adachi ficou corada.

Então minha mãe olhou para mim. “Que amizade interessante vocês têm.”

“É, acho que sim.” Essa foi a maneira mais otimista de interpretar o comportamento imprevisível da Adachi.

“*Fez o almoço...* Isso me fez lembrar! Não faço um lanche pra você há, tipo, um ano ou algo assim, né?” Minha mãe riu alegremente. *Isso é algo para se orgulhar, mãe?*

“Você sempre pode começar de novo,” eu sugeri. Não é como se eu tivesse pedido para ela parar.

“Nãooo!” ela fez uma carinha de quem estava fazendo birra. Ignorei e subi as escadas.

“Você realmente puxou a sua mãe, né, Shimamura?” Adachi comentou enquanto me seguia.

“Puxei?” Passei a mão nas minhas maçãs do rosto e no nariz. Acho que sim. “Bem, pelo menos eu não sou tão esquisita por dentro quanto ela.”

“Tem certeza?”

“O quê? Como é?”

“Nada!” Pela primeira vez, o tom dela estava firme.

E então, a convidei para entrar na sala de estudos. A gente sempre ventilava esse cômodo, mas como diabos ele ficava tão empoeirado da noite para o dia? De onde vinha toda aquela poeira? Lembro vagamente de ter aprendido sobre isso na escola, mas daí disseram que não cairia na prova, então, eu logo esqueci. Péssimo hábito meu.

Nos sentamos à mesa do *kotatsu*, ainda coberta com um pesado cobertor de inverno no meio do verão. Então, Adachi abaixou a bolsa gigante no chão. *Quanto de comida tem aí dentro?* Eu me perguntei, ligeiramente preocupada.

“Aqui.” Nervosa, ela empurrou algo na minha direção.

“Certo...”

Peguei. Admito que um único prato em um pote Tupperware não parecia lá muito com um "lanche embalado" para mim. *Espera, mas se isso é tudo o que ela fez, então o que mais tem na bolsa...? Ah, tanto faz.* Tirei a tampa. Dentro havia algo plano e dourado.

“Isso... é uma panqueca de *okonomiyaki*?” Com meus *hashis*, puxei um pedaço de cebolinha que estava espreitando.

“Já fiz isso no trabalho.”

“Você fez comida japonesa... no restaurante chinês?”

“Sim.”

NANI?!

Usei meus *hashis* para cortar. *Pegou? Hashis... Fatiar... Hashiar... Ah, deixa pra lá.* Então levantei e encontrei outra panqueca embaixo. *tudo bem. Acho que consigo comer duas.*

“Você queria mais do que isso?” Ela puxou a bolsa dela de volta, e eu tive um mau pressentimento de que sabia o que estava por vir.

“Não, não, acho que não conseguiria comer mais do que duas!”

“Ah.” Ela empurrou a bolsa de volta. *Meu Deus, quanto mais tem aí dentro?* Então ela tirou sua térmica e nos serviu chá.

Com tudo arrumado na mesa, me lembrei dos tempos em que brincava de casinha quando era criança. Eu sempre me entediava depois de cinco minutos e saia correndo... então, acho que eu não “brincava de casinha” de verdade.

“Aqui.”

“Certo.”

Isso foi idêntico à nossa troca anterior. Me peguei enrolando as mangas, mesmo que elas nem fossem tão longas. Era a primeira vez que comia comida caseira

de uma colega de classe, e a emoção do desconhecido fazia meu coração bater mais rápido. Juntei as mãos em sinal de graça. Depois, estendi a mão, peguei um pedaço com os *hashis* e coloquei na boca. *Nhac nhac.*

Como Adachi estava observando cada um dos meus movimentos, eu não estava muito confiante de que conseguiria engolir, mas consegui fazer isso de qualquer maneira. Então, encontrei o olhar ansioso dela. Parecia que a ansiedade dela estava se espalhando para mim.

“Você quer que eu seja honesta, ou devo ser só legal?” Acabei soando como se estivesse chamando a comida de ruim, sem querer.

“Que tal... mais ou menos no meio...?”

Mais ou menos no meio, huh? “Bem... está fria.”

“Ah, uhm...!” Apressadamente, ela pegou sua bolsa e puxou uma tonelada de recipientes de Tupperware idênticos. *Ugh, eu sabia! Eu sabia!* Ela foi sentindo cada um deles, até escolher um. “Hum, acho que esses estão um pouquinho mais quentes.”

Abri a tampa para fazer o teste. “Sim, esse está bom.”

Comida frita simplesmente não tem o mesmo gosto depois de esfriar, mas esse estava bem melhor. *Caramba, ela realmente sabe cozinhar,* pensei comigo mesma, ligeiramente impressionada. Minha única crítica era o... bem, *o tamanho da porção*. Quando estava começando a me perguntar quem teria que comer o resto, ela se aproximou de mim.

“Adachi?”

“Ahhh...”

Ela gemeu sensualmente — *brincadeira*. Ela abriu a boca. Eu tinha uma ideia do que ela estava pedindo, então peguei um pedaço de *okonomiyaki* com os *hashis*... mas antes de alimentá-la, dei uma olhada na boca dela. Era uma visão rara, convenhamos. *Ooh, as gengivas dela são bem rosadas.* Ou talvez fosse só o contraste com os dentes branquíssimos.

"Hum... pode ir mais rápido?"

"Você tem cebolinha nos dentes."

Ela bateu os dentes, me pressionando a continuar. Eu não queria que ela me mordesse se eu ficasse brincando muito, então concordei. Mas onde colocar o pedaço? Na língua dela? Enquanto eu deslizava o pedaço na boca dela com cuidado, sua língua se enrolou em torno do pedaço. *Missão cumprida!* Afastei os *hashis*.

"E aí, como está?" *Espera, mas eu não cozinhei isso!*

"Tá bom."

Por algum motivo, ela parecia bem satisfeita. Embora o olhar estivesse desviado, não conseguiu esconder completamente o sorriso. Claro, foi um almoço meio estranho, mas se isso nos deixava felizes, qual o problema?

"Agora é a minha vez."

Enquanto ela falava, estendeu a mão para pegar meus *hashis* — mas, nesse momento, meu telefone começou a tocar no canto da mesa, onde eu o havia deixado. Mas se a Adachi estava aqui, então quem estaria me ligando...?

Ah, certo. A Tarumi. Eu tinha esquecido.

"Ops! Tô recebendo uma ligação!" Peguei o celular de maneira casual. Como esperado, era a Tarumi. "Só um segundo, tá?"

Mas Adachi não respondeu — ela apenas me observou com intensidade. *Que droga.* Saí da sala e atendi a ligação.

"Alô?"

"Oi, Shima-chan!" Eu não ouvia a voz da Tarumi há um tempo — desde que recusei o convite para o festival. "Uhhh, então... bom dia."

"Bom dia!" Respondi enquanto subia as escadas.

"Vou direto ao ponto. Você tá livre agora?"

"Bemmm..." Então ouvi um som suave vindo de trás de mim. "Só um segundo, tá?"

"Hã?"

Subi de volta as escadas e sussurrei: "*Ei*!"

Houve um leve estalo, como se eu tivesse jogado uma pedra em um lago calmo. Depois de um momento, a porta se abriu, e Adachi lentamente se revelou. Como uma criança pega no flagra, ela me olhou com olhos de cachorrinho. "Mas..."

"Sem 'mas', mocinha!" Dei um leve golpe de caratê na cabeça dela. A sombra da minha mão cruzou a risca lateral do cabelo dela. "Olha, não precisa ser toda sorrateira, sabe?"

"Hã? Você quer dizer... tipo, eu deveria te espiar sem disfarçar?"

"Não, não é isso que eu quero dizer!" *Como eu explico isso...? Talvez fosse melhor expressar com ações... Eu entendi o que ela quer, então... Ok, vamos fazer.*

Levantei a franja dela e dei um beijo em sua testa. Eu podia sentir uma ligeira depressão contra meus lábios. *Nossa, ela é tão magra.*

Quando me afastei, ela permaneceu parada, ajoelhada e encolhida. Quanto ao rosto dela... Bem, não estava muito diferente do usual. Vermelho como um morango.

"Você é a única pessoa com quem faço essas coisas." Pelo menos, no momento. Quando foi a última vez que eu beijei a testa de alguém? Eu costumava beijar a

testa da minha irmã quando ela ainda usava fraldas, e como ela e a Adachi eram parecidas, eu achei que isso funcionaria.

Na verdade, no entanto, talvez tenha sido um pouco eficaz *demais*.

"Agora acredita em mim?"

Com a minha pergunta, ela se encolheu e assentiu, duas vezes.

Boa. Eu a afastei de volta para o quarto de estudos. "Não vai demorar."

Ela assentiu em compreensão, então se afastou de volta para o quarto como um pássaro ferido se encolhendo para se salvar. Isso me lembrou daquela noite no festival.

"Shima-chan?"

Eu retomei a ligação. "Desculpe. Tenho uma amiga aqui em casa agora."

"Ah... Entendi. Então acho que deveria... ligar mais tarde?"

"Uh... Sim, acho que sim. Desculpa." O pedido de desculpas soou seco e sem sabor na minha boca.

"Ok, até mais..."

"Tchau..."

Um passo à frente, dois passos atrás. À medida que um leve toque de desconforto retornava ao ar, terminei a ligação e silenciosamente me desprezei por, mesmo que brevemente, ter achado uma garota que deveria ser minha amiga *irritante*.

"Não. Eu preciso parar com isso." Cocei a cabeça, me repreendendo. "Ugh, eu odeio isso." Eu odiava me sentir como um monstro sem sentimentos. "Mas... eu acho que sou."

Com minhas emoções suprimidas, talvez "sem sentimentos" fosse a forma mais adequada de me descrever. Com um alcance emocional limitado, minha capacidade de me importar era superficial na melhor das hipóteses — agradável e de bom humor na superfície, mas sem absolutamente nenhuma profundidade. Por isso, de vez em quando, quando me *encontrava* cheia de emoção, isso rasgava um buraco em mim. Meu coração era tão frágil quanto um pega-peixe.

Aos olhos da minha avó, eu era espirituosa, bonita e imparcial... ou algo assim. Mas quando se tratava da Adachi, ser imparcial provavelmente não era a melhor abordagem. Ela era minha namorada, afinal; eu tinha permissão — não,

era *esperado* — que eu fosse um pouco parcial a favor dela. Mas se eu me permitisse fazer isso, todas as minhas poucas emoções penderiam para um único lado. Alguém inevitavelmente se machucaria. Mesmo que esse desequilíbrio me deixasse desconfortável, minha única opção era superá-lo.

Honestamente, eu não tinha certeza se essa nova mentalidade ia durar. Eu teria que fazer um esforço consciente.

O fluxo de poder era ditado pela posição, e a relação entre duas posições inevitavelmente geraria sentimentos. Pegue minha mãe, por exemplo: se ela não fosse minha mãe, eu a veria apenas como uma mulher adulta irritante. Portanto, agora que Adachi era minha namorada, algo sobre meu comportamento precisava mudar. Eu só precisava descobrir o que era esse "algo".

Voltei para o quarto de estudos, onde Adachi estava sentada de pernas cruzadas no chão, esfregando cuidadosamente a testa. Quando me viu entrar, ela apressadamente abaixou a mão. *O quê, eu te molhei com saliva? Eu não tenho germes, sabe.*

Quando me sentei, por algum motivo, ela se levantou. Olhei para ela com confusão. Então ela se colocou entre mim e a mesa. Infelizmente, isso não foi nada refrescante. Uma massa de calor agora estava encostada em mim. Experimentalmente, toquei um dedo em seu bíceps. Sim, ela estava praticamente em chamas.

"Você é uma bebezinha tão carente", eu suspirei.

"Isso é um problema?", ela perguntou com uma voz manhosa.

Ela só agia assim em raras ocasiões. Eu não me importava com isso na teoria, mas em um espaço fechado, estava sufocante... Claro, sabendo como ela era, ela provavelmente preferia assim. Ali entre minhas pernas, ela havia encontrado um lugar ao qual pertencia.

Com os meus *hashis*, dei mais algumas mordidas no *okonomiyaki*, parando de vez em quando para dar um pouco para a Adachi. Não era fácil comer nessa posição, mas eu percebi que estava achando isso uma mudança interessante de ritmo. Me lembrou dos tempos em que eu passava com o Gon no meu colo.

Ah, Adachi, você é um cachorrinho tão fofo. Os olhos e a boca dela tremiam, e a mão que ela havia colocado na minha perna começou a tremer.

“Sh-Shimamura... eu te amo...!” ela disse com dificuldade. A luta dela era comovente.

“Por nada.”

Ela foi a primeira pessoa fora da minha família a sentir algo tão forte por mim, e muito provavelmente, seria a última. Algum dia, eu me sentiria grata por ser essa pessoa.

Não hoje, mas... algum dia.

Eu só podia rezar para que eu logo aprendesse a valorizar cada segundo com ela... e que eu não precisasse de mais do que um breve momento de descanso entre esses segundos.